

INFORMAÇÕES

Ofertório: Neste domingo, dia 16, todo o produto do Ofertório das Missas reverterá na íntegra para as vítimas do maremoto na Ásia, através da Cáritas. Informamos desde já que os donativos do Beijapé do Menino no passado dia 1, também destinados às vítimas do maremoto e entregues à Cáritas, a funcionar na Cúria Diocesana, atingiram a verba de 117,58 €. Esperamos ainda mais generosidade no Ofertório de hoje.

Inscrições no Grupo de Informática e Comunicação: Continuam abertas as inscrições para o GIC (Grupo de Informática e Comunicação). Pode inscrever-se neste grupo paroquial dando ao pároco o seu nome e o seu contacto, pelos meios tradicionais ou através do e-mail: paroquia.socorro@sapo.pt.

Festa do Padroeiro: Tal como nos anos anteriores, vai realizar-se a Festa do Padroeiro, o Senhor do Socorro, no domingo mais próximo do dia 2 de Fevereiro, dia da criação da nossa Paróquia e Festa Litúrgica da Apresentação do Senhor. Este ano esse domingo é a 6 de Fevereiro. Na véspera, dia 5, às 20 h., como nos 2 anos anteriores, haverá uma Festa/Convívio no Jardim de Infância, aberta a todos os paroquianos. No dia 6, às 10 h., haverá a Eucaristia festiva em honra do Padroeiro, o Senhor do Socorro.

O pároco e a Comissão Fabriqueira pedem que, para o Convívio do dia 5, todas as pessoas se inscrevam, para se poder preparar tudo conforme o nº de inscritos. No acto da inscrição cada pessoa, se quiser, dá uma oferta em dinheiro, para ajuda da Festa. Também pode indicar o que pretende dar em doces ou salgados para o Convívio. O saldo do Convívio, se o houver, reverterá, como no ano passado, para a construção da nova igreja.

MISSAS

Dia	Hora	Intenções	
17	Seg	18,30	Manuel Falcão, Marcelina de Jesus, José Pereira; João Dias Chaves; Maria da Silva Ribeiro (7º dia)
18	Ter	18,30	José Luís Cruzeiro, José Martins Barbosa; Alice Pereira de Passos; Arlindo da Guia Silva; José Mota; Domingos Aires Passos Oliveira (aniv.)
19	Qua	18,30	António da Rocha e Maria da Conceição Alves; José Parente da Cunha Matos
20	Qui	18,30	Familiares falecidos de Maria de Sousa Lima
21	Sex	18,30	Luís Cerqueira, Gracinda Martins; Joaquim Carvalho Dias; Mário Adriano Gonçalves Rocha e Esperança Rocha
22	Sáb	18,30	José Pedro Rua da Costa; José Aníbal Rodrigues Pinto e familiares; Inácio Miranda e família; Joana Negrão e marido; Manuel Mendes; José Castro; Armando Martins Arezes e Ilda Amoroso; Romão Pires Gonçalves; Jeremias Fernandes Gonçalves
23	Dom	10	Ana Paula, Alfredo, José e Rosa Maria; Humberto Traila Azevedo do Rosário; Manuel Basílio Barcelos Lima

PARÓQUIA VIVA



Nº 183 - 16/01/2005

Boletim Litúrgico-informativo • Senhor do Socorro - Viana do Castelo

Telefone: 258 83 50 86 / 258 80 67 56 / Telemóvel: 93 63 22 123 / Fax: 258 80 67 59

E-mail: paroquia.socorro@sapo.pt / Web: paroquiasocorro.no.sapo.pt • Sai todos os Domingos e Dias Santificados

Festa do Baptismo do Senhor - Ano A



«João Baptista viu Jesus, que vinha ao seu encontro, e exclamou: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. ... Eu vi o Espírito Santo descer do Céu como uma pomba e repousar sobre Ele ... dou testemunho de que Ele é o Filho de Deus”» (Evangelho)

Não te deixes vencer pelo mal, vence antes o mal com o bem

Mensagem de João Paulo II para a celebração do Dia Mundial da Paz, 1 de Janeiro de 2005

(Continuação)

Para conseguir o bem da paz é necessário afirmar, com consciente lucidez, que a violência é um mal inaceitável e que nunca resolve os problemas. «A violência é uma mentira, porque se opõe à verdade da nossa fé, à verdade da nossa humanidade. A violência destrói o que ambiciona defender: a dignidade, a vida e a liberdade dos seres humanos»(4). Por isso torna-se indispensável promover uma grande obra educadora das consciências que forme a todos, sobretudo às novas gerações, para o bem abrindo-lhes o horizonte do humanismo integral e solidário que a Igreja indica e deseja.

Sobre estas bases, é possível criar uma ordem social, económica e política que tenha em conta a dignidade, a liberdade e os direitos fundamentais de cada pessoa.

O bem da paz e o bem comum

5. Para promover a paz, vencendo o mal com o bem, ocorre dedicar particular atenção ao bem comum(5) e suas vertentes sociais e políticas. Com efeito, quando em todos os níveis se cultiva o bem comum, cultiva-se a paz. Poderá, por acaso, a pessoa realizar-se plenamente a si própria prescindindo da sua natureza social, ou seja, do seu ser «com» e «para» os outros? O bem comum diz-lhe directamente respeito; tem a ver intimamente com todas as formas expressivas da sociabilidade humana: a família, os grupos, as associações, as cidades, as regiões, os Estados, a comunidade dos povos e das nações. Todos, de alguma forma, estão implicados no compromisso pelo bem comum, na busca constante do bem dos outros como se fosse o próprio. Uma tal responsabilidade compete de modo particular à autoridade política, em qualquer nível da sua actuação, pois é chamada a criar aquele conjunto de condições sociais que consentem e favorecem, nos seres humanos, o desenvolvimento integral da sua personalidade(6).

(continua na pág. 3)

2º Domingo do Tempo Comum – Ano A

LITURGIA DA PALAVRA

“Eu tenho merecimento aos olhos do Senhor e Deus é a minha força.” Is 49, 5

O mundo não está em saldos

Têm sido dias de água os do início deste novo ano. Água que levou destruição e morte ao Sudoeste Asiático, água que tem invadido as terras do norte da Europa, água que começa a escassear pelas nossas barragens. Já sem falar neste “meter água” (ou “chapinhar no lodo”) que as batalhas para as listas eleitorais e que os gastos em campanha (os partidos podem gastar mais de 7 milhões de euros, 60 salários mínimos por candidato! - jornal Público de 9 de Janeiro) parecem revelar! Água em que também os evangelhos deste início do Tempo Comum nos convidam a “mergulhar”, para reviver e saborear o baptismo.

Se é certo que “o tempo já não é o que era”, creio que ainda não nos apercebemos da responsabilidade comum perante esta riqueza tão frágil que são as reservas de água potável do nosso planeta. Que pensar da indiferença de alguns países perante os inúmeros acordos para controlar a poluição? E da impunidade com que interesses económicos locais lesam o meio ambiente? Mas não haverá também a necessidade de uma conversão de hábitos e de mentalidades ao nível de cada um de nós? Pensar globalmente e agir localmente parece-me um lema escutado em algum lado mas pode contribuir para alguma mudança!

Após a euforia (quando possível!) das compras natalícias já chegou a época dos saldos. E que boas aquisições se fazem por esta época (a um preço tantas vezes mais justo)! Mas temo esta lógica aplicada ao mundo e às pessoas. Quantas vezes os profetas bíblicos denunciaram a “compra” das pessoas e da ideias “por um par de sandálias”. Quantos ideais são triturados pelas rodas dentadas de um consumo (melhor ainda se for em saldos) que anestesiam o próprio pensamento? Nunca será demais sublinhar o valor irredutível de cada pessoa e do Espírito Santo que nela habita. Nem as pessoas, nem o mundo estão em saldos, quando sabemos que todos temos “merecimento aos olhos do Senhor”!

Numa crónica de Anselmo Borges do seu livro “Religião – opressão ou libertação” detenho-me nesta oração das Nações Unidas: “Senhor, a nossa terra é apenas um pequeno planeta no universo. É nosso dever fazer dela um planeta cujos habitantes nunca mais sejam atormentados pela guerra, pela fome e pelo medo, onde nunca mais sejam separados segundo a raça, a cor e a ideologia. Dá-nos a coragem e a força para começarmos este trabalho já hoje, a fim de que os nossos filhos e os filhos dos nossos filhos possam um dia orgulhar-se do nome ‘ser humano’”

P. Vítor Gonçalves

Acabar com o discurso catastrófico sobre a família

Assinam as conclusões do Congresso “Que futuro para a Família? Novas respostas para novas exigências”

“É urgente fortalecer os laços familiares, proteger a família saudável, acabar com o discurso catastrófico sobre a família e fazer estudos sobre as consequências sociais da desagregação das famílias” – referem as conclusões do congresso “Que futuro para a Família? Novas respostas para novas exigências”, realizado em Lisboa, de 12 a 14 de Janeiro. Nesta actividade, promovida pelo Movimento de Defesa da Vida (MDV), os participantes assinalaram também que é urgente chamar a atenção das empresas “para o seu papel social que se deve reflectir na vida de família, nomeadamente, ao nível de horários de trabalho e fomentando a criação de postos de trabalho com horários de meio tempo”.

Esta iniciativa, que ocorreu no âmbito do X aniversário do Ano Internacional da Família, pretendeu reflectir sobre os novos desafios que nestes dez anos se levantaram à família. A aposta na prevenção através “de novas intervenções e de programas de formação parental ou de educação familiar de modo que se possa evitar a institucionalização das crianças” – avançam as conclusões.

A par de tantas dificuldades que “encontramos em muitas famílias” há também “inúmeros sinais de esperança que nos são apresentados pela existência de um grande número de famílias bem estruturadas” – concluem os participantes. Após o congresso, o MDV gostaria que se desenhasses parecerias mas que “não ficassem apenas no papel”. Um trabalho prático e no terreno de modo a “ensaiar diferentes modos de intervenção segundo as necessidades de cada família”.

Não te deixes vencer pelo mal, vence antes o mal com o bem

Mensagem de João Paulo II para a celebração do Dia Mundial da Paz, 1 de Janeiro de 2005

(Continuação)

O bem comum exige, pois, o respeito e a promoção da pessoa e dos seus direitos fundamentais, e bem assim o respeito e a promoção dos direitos das nações numa perspectiva universal. A tal propósito, diz o Concílio Vaticano II: «A interdependência, cada vez mais estreita e progressivamente estendida a todo o mundo, faz com que o bem comum [...] se torne hoje cada vez mais universal e que, por esse motivo, implique direitos e deveres que dizem respeito a todo o género humano. Cada grupo deve ter em conta as necessidades e legítimas aspirações dos outros grupos e mesmo o bem comum de toda a família humana»(7). O bem da humanidade inteira, inclusive para as futuras gerações, requer uma verdadeira cooperação internacional, para a qual cada nação deve oferecer a própria colaboração(8).

Contudo, visões decididamente redutoras da realidade humana transformam o bem comum em simples bem-estar sócio-económico, privado de qualquer finalização transcendente, e esvaziam-no da sua mais profunda razão de ser. Mas o bem comum possui também uma dimensão transcendente, porque Deus é o fim último das suas criaturas(9). Além disso, os cristãos sabem que Jesus esclareceu plenamente a realização do verdadeiro bem comum da humanidade. A história avança para Cristo e n'Ele culmina: graças a Ele, por meio d'Ele e em vista d'Ele, toda a realidade humana pode ser levada ao seu pleno acabamento em Deus.

O bem da paz e o uso dos bens da terra

6. Estando o bem da paz estreitamente ligado ao desenvolvimento de todos os povos, é indispensável ter em conta as implicações éticas do uso dos bens da terra. O Concílio Vaticano II recordou oportunamente que «Deus destinou a terra e tudo o que nela existe ao uso de todos os homens e de todos os povos, de modo que os bens da criação afluam com equidade às mãos de todos segundo a regra da justiça, inseparável da caridade»(10).

(Continua)